



'Foca na Pauta'

Mapeamento online de vacinação vai mostrar situação de todos os municípios brasileiros

Grupo que inclui pesquisadores da Baixada Santista também busca informações sobre fenômeno da rejeição de vacinas.

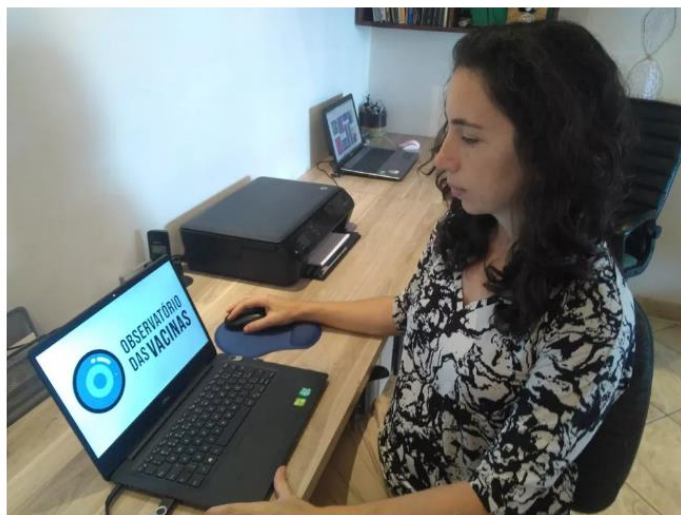
Há 5 horas — Em Educação

Mapeamento online de vacinação vai mostrar situação de todos os municípios brasileiros

Grupo que inclui pesquisadores da Baixada Santista também busca informações sobre fenômeno da rejeição de vacinas.

Por Beatriz Araújo e Marcela Alonso*, G1 Santos

13/06/2020 06h12 · Atualizado há 5 horas



A professora Carolina Barbieri diz que objetivo da plataforma é tornar informações acessíveis ao público em geral — Foto: Arquivo pessoal/Carolina Barbieri

Uma plataforma online inédita no País vai mapear a cobertura da vacinação em todos os municípios brasileiros a partir do próximo dia 19 de junho. Com esse mapeamento, será possível saber, por cidade, o grau de vulnerabilidade, no que se refere a vacinas.

O projeto foi desenvolvido pelo Observatório das Vacinas, um grupo que tem sede na Baixada Santista e é financiado pelo Ministério da Saúde, do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) e da Fundação Bill e Melinda Gates. O **site** foi projetado para elaborar mapas de vulnerabilidade acessíveis ao público em geral.

Para os pesquisadores, a iniciativa é ainda mais oportuna no atual cenário de pandemia, em que a importância da vacinação é evidenciada pelo anseio popular por uma vacina contra o novo coronavírus. No site, serão disponibilizados mapas com os dados da cobertura vacinal de crianças menores de dois anos dos 5.570 municípios do Brasil.

As informações englobam vacinas contra doenças como hepatite, difteria, coqueluche, tétano, meningite, poliomielite, rotavírus, pneumonia, sarampo, caxumba, rubéola, tuberculose e varicela. O site será lançado, inicialmente, com dados referentes a 2016. Os pesquisadores vão, de modo gradual, atualizar as informações com os números dos anos seguintes.

De acordo com a equipe, o trabalho é interdisciplinar, ou seja, envolve diversas áreas do conhecimento para apresentar os conteúdos de modo atrativo. Houve até um estudo de cores para identificação nos mapas. A fim de proporcionar maior compreensão sobre o assunto, todas as doenças englobadas no trabalho têm uma breve descrição. Há, também, espaço direcionado às perguntas mais frequentes sobre a vacinação, além de informações sobre o grupo e o projeto.

O Observatório das Vacinas tem como sede a **Universidade Católica de Santos (UniSantos)** e conta com uma equipe de 20 pesquisadores, composta por doutores e pós-doutores, professores universitários, alunos de mestrado e doutorado em Saúde Coletiva, e estudantes de graduação na iniciação científica. As universidades Federal de São Carlos (UFSCAR) e Estadual da Paraíba (UEPB) são apoiadoras do projeto, que também conta com consultores externos do Centro de Vigilância Epidemiológica de São Paulo e do Programa Nacional de Imunizações (PNI), que fazem parte da Secretaria Estadual da Saúde.



Carolina Barbieri, Bruno Lorenz e Lourdes Martins, do Observatório das Vacinas: recursos internacionais e esforço multidisciplinar — Foto: Arquivo pessoal/Carolina Barbieri

"Não queríamos que nossos resultados ficassem apenas no papel. Nossa preocupação é com a coletividade", afirma a **professora Lourdes Conceição Martins, da UniSantos**, uma das fundadoras do Observatório das Vacinas. Ela diz que não existe plataforma com essa dinâmica no Brasil, e que a ansiedade em divulgar as pesquisas para um maior número de pessoas resultou nos mapas. "Hoje em dia, tudo é muito mais fácil, visualmente, online". As primeiras análises dos mapas de vacinação, referentes às nove cidades que compõem a região metropolitana da Baixada Santista, serão divulgadas em um **simpósio sobre imunização que a UniSantos** programou para outubro.

A **professora Carolina Barbieri, também da UniSantos** e cofundadora do projeto, explica que, tradicionalmente, pesquisadores dialogam muito mais entre si por meio de artigos e congressos que acabam não sendo tão acessíveis para a sociedade, de maneira geral. Por essa razão, o objetivo do projeto é ir além. "A gente quis expandir para o prático". Assim, tanto pais que queiram saber sobre a cobertura vacinal da região em que vivem, quanto stakeholders da área de saúde, conseguirão tirar proveito do conteúdo.

Traduzir o conhecimento científico sobre vacinação para que ele seja acessível ao público em geral diz muito sobre o próprio objetivo das vacinas, comenta Carolina. "A vacinação tem tanto uma função individual, quanto coletiva". Segundo ela, a vacinação em massa, quando atinge as metas de cobertura, diminui a circulação dos vírus e protege, indiretamente, pessoas que, por alguma razão, não estejam vacinadas.

Ameaça

O Brasil é produtor e exportador de vacinas. O Programa Nacional de Vacinação, criado em 1973, disponibiliza um amplo calendário público e gratuito de aplicação de vacinas que se tornou referência internacional. Mesmo assim, houve queda na cobertura vacinal. "Esse fenômeno é recente", diz Carolina Barbieri. Foi a partir de 2015, segundo ela, que o índice de vacinações começou a cair. "O pior ano foi 2017".

A pesquisadora diz que o grupo busca entender esse problema na cobertura vacinal, mas já constatou que ele é provocado por diversos fatores. Um deles é a diminuição da confiança pública na imunização, considerada uma das 10 maiores ameaças à saúde pública pela Organização Mundial da Saúde (OMS) no ano passado. "Essa queda põe em risco o retorno de doenças preveníveis por vacina, como o sarampo", adverte.

O medo em relação à pandemia tem provocado clamor popular pela produção de uma vacina contra a Covid-19. "Para mim, o coronavírus vai mudar essa história", diz Carolina Barbieri, com relação à rejeição de parte da sociedade à imunização. Um exemplo disso é o aumento da procura pela vacina da gripe na campanha nacional de 2020. "Todos os lotes que chegam, acabam", segundo a pesquisadora, o que não aconteceu na campanha do ano passado.

Ela ressalta que essa procura não é, em sua maioria, por conta da importância do conhecimento científico, e sim pela sensação de risco e pela insegurança. Outro fator que agrava o problema é a desinformação. "A gente tem fake news e pessoas que decidem não se vacinar porque estão com medo, mas não acho que no Brasil haja boicote contra a vacinação. O que os estudos mostram é que as pessoas tomam decisões baseadas na própria percepção de risco".

Em meio a todas essas questões, Carolina considera a situação atual emblemática. "Para mim, o coronavírus vem fortalecer a ideia de que é importante pautar decisões na ciência, e não no achismo. É preciso avaliar o risco de forma estatística, não pelo medo".

** Com supervisão de Alexandre Lopes, Eduardo Cavalcanti e Lidiane Diniz*